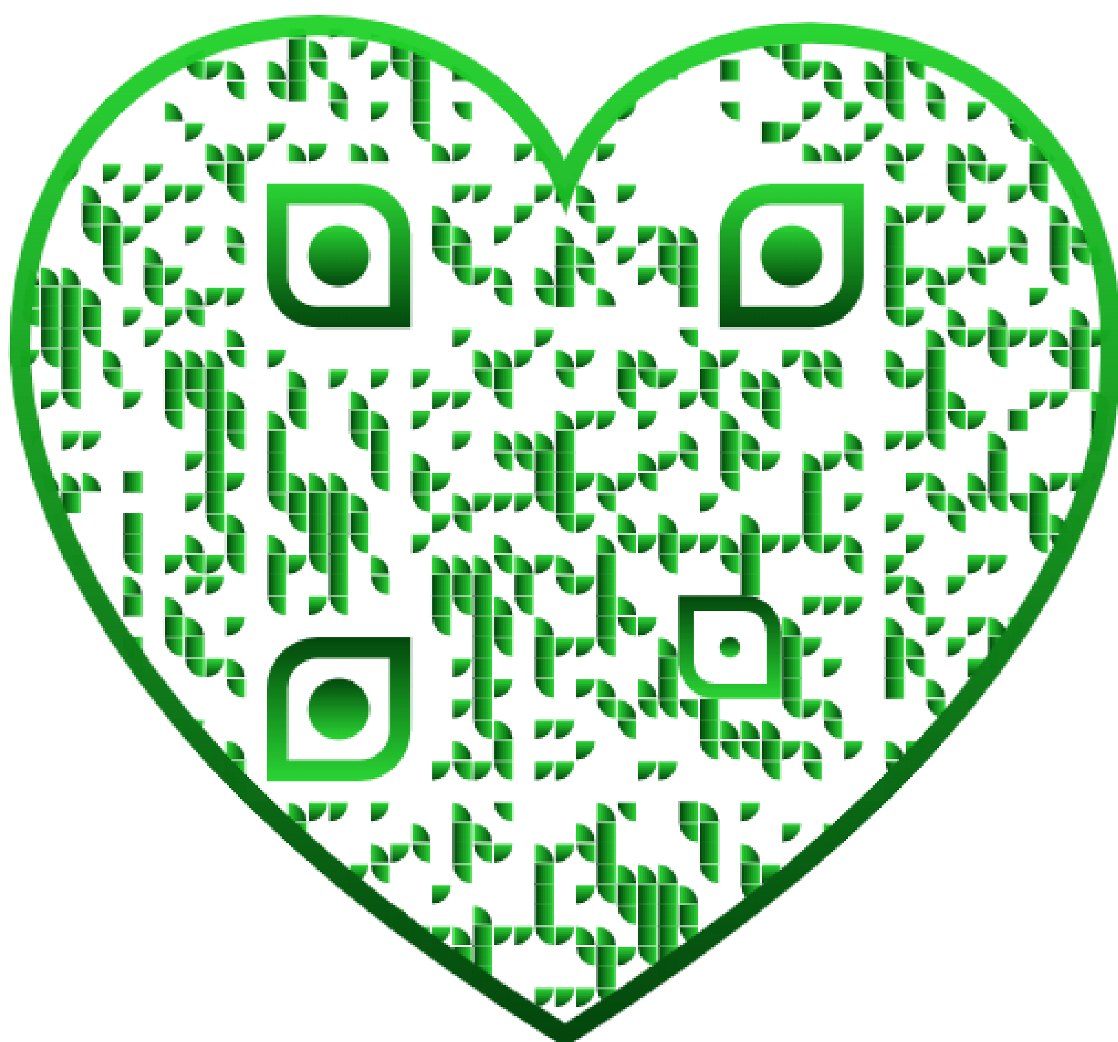
DA AUTORA DE GAROTA EXEMPLAR

O ADULTO

GILLIAN FLYNN





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



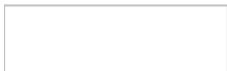
GILLIAN FLYNN

O ADULTO

TRADUÇÃO DE Alexandre Martins



Copyright © 2014 by Gillian Flynn



Edição publicada mediante acordo com Crown Publishers, um selo do Crown Publishing Group, uma divisão da Penguin Random House, LLC.
Esta obra foi lançada originalmente em 2014 sob o título “What do you do?” como parte da antologia *Rogues*, editada por George R. R. Martin e Gardner Dozois, publicada pela Bantam Books, um selo da Random House, uma divisão da Penguin Random House, LLC.

TÍTULO ORIGINAL
The Grownup

REVISÃO
Taís Monteiro

DESIGN DE CAPA
Orionbooks

IMAGEM DE CAPA
©Shutterstock

ADAPTAÇÃO DE CAPA
ô de casa

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

REVISÃO DE EPUB
Carol Andrade

E-ISBN
978-85-8057-946-8

Edição digital: 2016

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



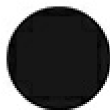













intrínseca



SUMÁRIO

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória
O adulto
Agradecimentos
Sobre a autora
Conheça os outros títulos da autora
Leia também

Para David e Ceán, seus doentes.

Eu não parei de bater punheta para os outros por não ser boa. Parei de bater punheta por ser a melhor.

Durante três anos, bati a melhor punheta da região metropolitana. O segredo é não pensar demais. Se você começa a se preocupar com técnica, se começa a analisar ritmo e pressão, perde a natureza essencial do ato. Você tem que se preparar mentalmente de antemão, e depois parar de pensar e deixar o corpo assumir o controle.

Basicamente, é como uma tacada de golfe.

Eu batia para os homens seis dias por semana, oito horas por dia, com uma pausa para o almoço, e estava sempre com a agenda lotada. Tirava duas semanas de férias por ano e nunca trabalhava nos feriados, porque punhetas de feriado são deprimentes para todo mundo. Avalio que, ao longo de três anos, tenha chegado a 23.546 punhetas. Então não leve a sério aquela piranha da Shardelle quando ela diz que eu parei por não ter talento.

Eu parei porque quando você bate 23.546 punhetas em um período de três anos a síndrome do túnel do carpo se torna algo muito real.

Cheguei à minha ocupação de modo honesto. Talvez "natural" seja uma palavra melhor. Nunca fiz nada muito honestamente na vida. Fui criada na cidade por uma mãe caolha (a frase de abertura das minhas memórias), e ela não era uma senhora legal. Não tinha problemas com drogas nem com bebida, mas tinha problemas com trabalho. Era a pessoa mais preguiçosa que já conheci. Duas vezes por semana íamos para as ruas do centro da cidade pedir esmolas. Mas como minha mãe odiava ficar de pé, fazia tudo aquilo de forma estratégica. Conseguir o máximo de dinheiro no menor tempo possível, depois ir para casa, comer bolo mesclado de chocolate com baunilha e assistir a reality shows de tribunal na TV, sentadas em meio às manchas de nosso colchão detonado. (É a principal lembrança que tenho da infância: manchas. Não sei dizer a cor dos olhos da minha mãe, mas sei que a mancha no tapete felpudo era marrom-escura como sopa, que as manchas no teto eram de um laranja queimado e as na parede, de um vibrante amarelo-mijo de ressaca.)

Minha mãe e eu nos vestíamos de modo apropriado. Ela usava um belo vestido de algodão desbotado, puído, mas que bradava decência. Colocava em mim qualquer coisa que já não me coubesse mais. Sentávamos em um banco e escolhíamos as pessoas certas a quem pedir. É um esquema bastante simples. A primeira escolha é o ônibus de alguma igreja de fora da cidade. As pessoas das igrejas locais simplesmente mandam você ir até a igreja. Sendo de fora, elas em geral se veem obrigadas a ajudar, sobretudo se quem pede é uma senhora caolha com uma criança de rosto triste. A segunda escolha são as mulheres em duplas. (Mulheres sozinhas conseguem ir embora rápido demais; um grupo de mulheres é difícil demais de ser abordado.) A terceira escolha é a mulher sozinha com expressão receptiva. Você sabe como é: a mesma mulher que você aborda para

perguntar como se chega a algum lugar ou checar as horas, é essa a mulher a quem pedíamos dinheiro. Também os homens jovens com barba ou violão. Não aborde homens de terno. O clichê é verdadeiro: são todos babacas. Também deixe passar os de anel no polegar. Não sei por quê, mas homens que usam anel no polegar nunca ajudam.

Os escolhidos? Não os chamávamos de alvos, presas ou vítimas. Nós os chamávamos de Tony, porque meu pai se chamava Tony, e ele nunca conseguia dizer não a ninguém (embora eu suponha que tenha dito não à minha mãe pelo menos uma vez, quando ela pediu que ele ficasse).

Assim que você aborda um Tony, consegue descobrir em dois segundos como pedir. Alguns querem que termine rápido, feito um assalto. Você solta um "Precisamosdedinheiropracomertemumtrocado?". Há quem queira se deleitar com sua desgraça. Só lhe darão dinheiro se você lhes oferecer algo que os faça se sentir melhor, e quanto mais triste sua história, melhor eles se sentem por ajudar, e mais dinheiro você consegue. Eu não os culpo. Se você vai ao teatro, quer que lhe apresentem um espetáculo.

Minha mãe foi criada em uma fazenda no sul do estado. A mãe morreu no parto; o pai plantava soja e cuidava dela quando não estava exausto demais. Ela veio para cá fazer faculdade, mas o pai teve câncer, a fazenda foi vendida, o dinheiro acabou e ela precisou largar os estudos. Trabalhou como garçonete por três anos, mas então veio a menininha, o pai da menininha foi embora, e quando se deu conta... ela era um deles. Uma carente. Não se orgulhava disso...

Você já entendeu. Isso era só para começar a cena. Daí continua. Dá para dizer rápido se a pessoa quer uma narrativa de bravura e superação. Nesse caso, eu de repente era uma aluna-modelo em uma escola pública distante (eu era, mas a verdade não é o que importa), e mamãe só precisava do dinheiro da gasolina para me levar lá (eu na verdade pegava três ônibus sozinha). Ou, se a pessoa quisesse uma história sobre o maldito sistema, nesse caso eu era imediatamente afligida por alguma doença rara (batizada com o nome de qualquer que fosse o babaca que minha mãe estivesse namorando — síndrome de Todd-Tychon, mal de Gregory-Fisher), e as despesas com cuidados médicos tinham nos levado à falência.

Minha mãe era esperta, mas preguiçosa. Eu era muito mais ambiciosa. Tinha muita disposição e nenhum orgulho. Aos treze anos, ganhava dela nas esmolas em centenas de dólares por dia, e aos dezesseis havia deixado para trás minha mãe, as manchas e a TV — e, sim, o ensino médio — e ido morar sozinha. Eu saía toda manhã e mendigava por seis horas. Sabia quem abordar e precisamente o que dizer, no tempo exato. Nunca sentia vergonha. Era uma simples transação comercial: você fazia com que uma pessoa se sentisse bem, e ela lhe dava dinheiro.

Então, dá para entender como toda a coisa da punheta pareceu uma evolução

profissional natural.

A Mãos Espirituais (não fui eu que batizei o lugar, não me culpe) ficava em um bairro chique a oeste do centro. Cartas de tarô e bolas de cristal na frente, leves serviços sexuais ilegais nos fundos. Eu tinha respondido a um anúncio de recepcionista. Acabou que "recepcionista" significava "prostituta". Minha chefe, Viveca, é ex-recepcionista e atual leitora de mãos legítima. (Embora Viveca não seja seu nome legítimo; seu nome legítimo é Jennifer, mas as pessoas não acreditam que Jennifers consigam prever o futuro, Jennifers lhe dizem que sapatos bonitinhos comprar ou qual feira livre frequentar, mas deveriam manter suas mãos longe do futuro das outras pessoas.) Viveca emprega algumas videntes na parte da frente e comanda uma salinha organizada nos fundos. O cômodo dos fundos parece um consultório médico: tem toalhas de papel, desinfetante e uma mesa de exames. As garotas enfeitaram o lugar com echarpes em cima das luminárias, uma miscelânea de objetos e almofadas de lantejoulas — todas aquelas coisas com que apenas meninas frescas se preocupam. Quer dizer, se eu fosse um cara disposto a pagar para uma garota bater uma para mim, não iria entrar ali e dizer: "Meu Deus, sinto notas de strudel fresco e noz-moscada... rápido, pega no meu pau!" Eu entraria na sala e falaria muito pouco, que é o que a maioria deles faz.

Ele é único, o homem que chega em busca de uma punheta. (E aqui só batemos punheta, ou pelo menos eu só faço isso — tenho ficha criminal por alguns roubos menores, coisas idiotas que fiz aos dezoito, dezenove, vinte anos, e que garantem que eu nunca, *jamais*, vou conseguir um emprego decente, de modo que não preciso acrescentar a isso ir em cana por prostituição.) Um cara que vai atrás de uma punheta é uma criatura muito diferente de um que quer um boquete ou de um cara que quer sexo. Certamente, para alguns homens uma punheta é apenas o início do ato sexual. Mas eu tinha muitos clientes regulares. Eles nunca vão querer mais que uma punheta. Não consideram a punheta uma traição. Ou se preocupam com doenças, ou nunca têm coragem de pedir mais. Tendem a ser homens casados, tensos e nervosos, homens com empregos de nível mediano, basicamente sem poder. Não estou julgando, apenas dando a minha avaliação. Eles querem que você seja atraente, mas não que pareça uma vagabunda. Por exemplo: na vida real eu uso óculos, mas não uso quando estou no serviço, porque isso distrai — eles pensam que você vai fazer a cena da Bibliotecária Sensual, e ficam tensos esperando os primeiros acordes de uma música do ZZ Top que eles não vão ouvir, então ficam constrangidos por terem pensado que você ia encenar a Bibliotecária Sensual, daí se distraem e a coisa toda demora mais do que qualquer um desejava.

Eles querem que você seja atenciosa e agradável, mas não fraca. Não querem se sentir predadores. Querem que aquilo seja um negócio. Focado no serviço. Então você tem uma conversa educada sobre o clima e o time pelo qual eles

torcem. Normalmente eu tento criar algum tipo de piada interna que possamos repetir a cada visita — uma piada interna é como um símbolo de amizade sem precisar de todo o trabalho necessário para manter uma amizade de verdade. Então você diz: *Começou a temporada de morangos!* Ou *Precisamos de um barco maior* (estou lhe contando piadas internas reais), e desse modo o gelo é quebrado e eles não se sentem como se fossem desprezíveis, pois vocês são amigos, o clima é criado e você pode seguir em frente.

Quando as pessoas me fazem a pergunta que todas fazem, "O que você faz?", eu respondo: "Trabalho com atendimento ao cliente." O que é verdade. Para mim é um belo dia de trabalho quando você faz um monte de gente sorrir. Sei que soa sério demais, mas é verdade. Quer dizer, eu preferiria ser bibliotecária, mas me preocupo com a estabilidade do emprego. Livros podem ser temporários; paus são para sempre.

O problema foi que meu pulso estava me matando. Mal tinha chegado aos trinta e meu pulso já era o de uma octogenária, com uma munhequeira nada sensual para combinar. Eu a tirava antes de começar, mas aquele som de velcro se soltando deixava os homens um pouco tensos. Certo dia Viveca foi me visitar nos fundos. Ela é uma mulher pesada, como um polvo — muitas contas, babados e echarpes flutuando a sua volta, junto com o cheiro forte de água-de-colônia. Tem os cabelos tingidos da cor de ponche de frutas e insiste que é seu tom natural. (*Viveca: a filha mais nova de uma família da classe trabalhadora; indulgente com as pessoas de quem gosta; chora com comerciais; muitas tentativas fracassadas de se tornar vegetariana*. Só um palpite.)

— Você é vidente, Nerd? — ela me perguntou.

Ela me chamava de Nerd porque eu usava óculos, lia livros e tomava iogurte na hora do almoço. Eu não sou nerd, só queria muito ser. Por causa dessa coisa de largar o ensino médio, sou autodidata. (Não é uma palavra obscena, pode conferir.) Eu leio sempre. Eu penso. Mas me falta educação formal. Então fico com a sensação de que sou mais inteligente que todo mundo ao meu redor, mas que se um dia ficar perto de pessoas realmente inteligentes — gente que frequentou a universidade, bebeu vinho e aprendeu latim —, elas ficarão terrivelmente entediadas comigo. É uma vida solitária. De modo que uso o apelido como uma medalha de honra. Um dia, talvez, eu não mate de tédio pessoas realmente inteligentes. A questão é: como você conhece pessoas inteligentes?

— Vidente? Não.

— Vê coisas? Já teve premonições?

— Não.

Eu achava que toda aquela besteira de ler a sorte era *pura bobajada*, como minha mãe diria. Ela era de uma fazenda no sul do estado, essa parte era verdade.

Viveca parou de brincar com uma das contas.

— Nerd, estou tentando ajudar você.

Eu saquei. Normalmente não sou tão lenta, mas meu pulso estava latejando. Aquele tipo de dor que distrai e faz com que você só consiga pensar em como acabar com ela. E também, em minha defesa, Viveca normalmente só pergunta algo para poder falar — ela não liga muito para as respostas.

— Sempre que conheço alguém, imediatamente tenho uma visão — eu disse, usando a voz sábia e requintada de Viveca. — De quem a pessoa é e do que precisa. Posso ver isso como uma cor, um halo, uma aura ao redor dela.

Aquilo era realmente verdade, a não ser pela última parte.

— Você vê auras. — Ela sorriu. — Eu sabia que via.

Foi como eu descobri que estava sendo transferida para a parte da frente. Eu iria ler auras, o que significava que não precisava de nenhum treinamento.

— Apenas diga a eles o que querem ouvir — instruiu Viveca. — Pegue-os direitinho.

E quando as pessoas me perguntavam: "O que você faz?", eu dizia "Sou especialista em visões", ou "Trabalho com práticas terapêuticas". O que era verdade.

Os clientes de clarividência eram quase todos do sexo feminino, e os clientes de punheta eram obviamente todos do sexo masculino, de modo que gerenciávamos o negócio com muita precisão. Não era um espaço grande: era preciso colocar um cara para dentro, acomodá-lo na sala dos fundos e se assegurar de que gozasse antes que a mulher entrasse para a consulta. Você não queria nenhum ganido de orgasmo vindo dos fundos enquanto uma senhora lhe contava que seu casamento estava desmoronando. A desculpa do novo filhotinho de cachorro só funciona uma vez.

A situação toda era arriscada, uma vez que a maioria das clientes de Viveca era de classe média alta ou da base da classe alta. Sendo dessas classes, são pessoas que se ofendem facilmente. Quando tristes, donas de casa ricas não querem ter sua sorte lida por uma Jennifer, e decididamente não querem ouvi-la de uma diligente ex-profissional do sexo com o pulso machucado. Aparência é tudo. Elas não são pessoas que aceitam se misturar com algo abaixo de seu nível. São pessoas cujo objetivo principal é morar na cidade, mas se sentir como se vivessem em ricos bairros residenciais. Nosso escritório da frente parecia um anúncio de uma loja de móveis. Eu me vestia adequadamente, ou seja, era basicamente uma artista excêntrica embrulhada em batas da Anthropologie. Esse é o segredo.

As mulheres que iam em grupo eram fúteis, elegantes, alcoólatras, prontas para se divertir. Aquelas que iam sozinhas, porém, queriam acreditar. Estavam desesperadas, e não tinham um seguro-saúde bom o bastante para pagar um terapeuta. Ou não sabiam que estavam desesperadas o bastante para precisar de

um terapeuta. Era difícil sentir pena delas. Eu tentava, porque ninguém quer que seu místico, o guardião de seu futuro, revire os olhos para você. Mas, por favor... Casa grande, maridos que não batem nelas e ajudam com as crianças, às vezes uma carreira, mas sempre um clube do livro. E ainda assim se sentiam tristes. Era o que invariavelmente acabavam dizendo: "Mas eu estou triste." Sentir-se triste normalmente significa ter tempo livre demais. De verdade. Eu não sou terapeuta formada, mas em geral isso significa tempo livre demais.

Então digo algo como: "Uma grande paixão está prestes a surgir em sua vida." Depois você escolhe alguma coisa que possa convencê-las a fazer. Descobre o que pode fazer com que se sintam bem consigo mesmas. Contribuir para a educação de uma criança, ser voluntária em uma biblioteca, ajudar a castrar cachorros, ter uma vida ecologicamente sustentável. Mas você não diz isso como se fosse uma sugestão, esse é o segredo. Você diz como se fosse um alerta: "Uma grande paixão está prestes a surgir em sua vida... Você precisa ir com cuidado, ou isso irá ofuscar tudo o que é importante para você!"

Não estou dizendo que é sempre tão fácil, mas com frequência é bem fácil. As pessoas querem paixão. Querem sentir que têm um propósito. E quando conseguem essas coisas, voltam até você, porque você previu o futuro delas, e isso foi bom.

Susan Burke era diferente. Ela pareceu mais inteligente que a média no instante em que a vi. Entrei na sala em uma manhã chuvosa de abril, havia acabado de atender um cliente de punheta. Eu ainda mantinha alguns, meus preferidos de longa data, então tinha acabado de atender um cara gentil, rico e desajeitado que dizia se chamar Michael Audley (eu digo "dizia se chamar" porque imagino que um cara rico não me falaria seu nome de verdade). Mike Audley: *ofuscado pelo irmão atleta; conquistou seu espaço na faculdade; extremamente inteligente, mas nem um pouco convencido por causa disso; corredor compulsivo*. Só um palpite. A única coisa que eu realmente sabia sobre Mike era que ele adorava livros. Recomendava títulos com o entusiasmo que eu sempre ansiei como aspirante a nerd: com urgência e camaradagem. Você *precisa* ler isso! Em pouco tempo tínhamos nosso próprio (eventualmente pegajoso) clube do livro particular. Ele adorava "histórias clássicas do sobrenatural", e queria que eu também gostasse ("Afinal, você é *sensitiva*", ele disse com um sorriso). Naquele dia discutimos a questão da solidão e da necessidade em *A assombração da casa na colina*, ele gozou, eu me limpei com um lenço antisséptico e peguei o empréstimo seguinte: *A mulher de branco*. ("Você *precisa* ler esse! Um dos melhores de todos os tempos.")

Depois despenteei meu cabelo para parecer mais intuitiva, ajeitei minha bata, enfiei o livro embaixo do braço e saí correndo para a sala principal. Não exatamente pontual: eu estava trinta e sete segundos atrasada. Susan Burke esperava; apertou minha mão com um movimento nervoso, para cima e para

baixo, e o gesto repetitivo me fez estremecer. Deixei cair o livro e demos uma cabeçada ao pegá-lo do chão. Decididamente não é o que você quer da sua paranormal: que ela pareça um dos Três Patetas.

Eu lhe indiquei um assento, adotei minha voz sábia e perguntei por que ela estava ali. É a forma mais fácil de dizer às pessoas o que elas querem ouvir: perguntar o que querem.

Susan Burke ficou em silêncio por alguns instantes.

— Minha vida está desmoronando — murmurou.

Era extremamente bonita, mas tão desconfiada e nervosa que você não se dava conta de que era bonita até olhar muito para ela. Olhar para além dos óculos, para os olhos azul-claros. Imaginar os desbotados cabelos louros desembaraçados. Ela claramente era rica. A bolsa era simples demais para ser algo além de inacreditavelmente cara. O vestido era sem graça, mas bem feito. Na verdade, talvez o vestido não fosse sem graça — ela apenas o fazia parecer sem graça. *Inteligente, mas não criativa*, pensei. *Conformista. Vive com medo de dizer ou fazer a coisa errada. Carece de confiança. Provavelmente intimidada pelos pais, e agora intimidada pelo marido. O marido é irritadiço — o único objetivo diário dela é chegar ao fim do dia sem uma explosão de raiva. Triste. Ela é uma das tristes*.

Susan Burke então começou a chorar. Chorou por um minuto e meio. Eu ia dar a ela dois minutos antes de interromper, mas Susan parou sozinha.

— Não sei por que estou aqui — disse. Tirou um lenço em tom pastel da bolsa, mas não o usou. — Isso é maluquice. E só está piorando.

Eu lhe ofereci o meu melhor *calma, calma*, sem encostar nela.

— O que está acontecendo em sua vida?

Ela secou os olhos e me encarou por um momento. Piscou.

— Você não sabe?

Depois deu um sorriso. Senso de humor. Inesperado.

— O que vamos fazer? — perguntou ela, se recompondo. Massageou um ponto perto da nuca. — Como isso funciona?

— Eu sou uma intuitiva psicológica — comecei. — Sabe o que isso significa?

— Você consegue ler bem as pessoas.

— Sim, em certa medida, mas meus poderes são muito mais fortes do que apenas intuição. Todos os meus sentidos desempenham um papel. Posso sentir as vibrações das pessoas. Consigo ver auras. Posso farejar desespero, desonestidade ou depressão. É um dom que tenho desde pequena. Minha mãe era uma mulher profundamente deprimida, desequilibrada. Uma névoa azul-escura a seguia. Quando ela estava perto de mim, minha pele produzia estalidos, como alguém tocando piano, e minha mãe cheirava a desespero, que para mim surge como cheiro de pão.

— *Pão*? — perguntou ela.

— Aquele era o cheiro dela, o cheiro de uma alma desesperada.

Eu precisava escolher uma nova *eau de garota triste*. Não folhas mortas — óbvio demais —, mas algo ligado à terra. Cogumelos? Não, deselegante.

— Pão... Isso é muito estranho — disse ela.

As pessoas normalmente queriam saber qual era o cheiro delas ou a cor de sua aura. Era o primeiro passo para se comprometer com o jogo. Susan se mexeu, desconfortável.

— Não quero parecer grosseira — começou ela. — Mas... Acho que isso não é para mim.

Esperei. O silêncio empático é uma das armas menos utilizadas no mundo.

— Certo — disse Susan.

Ela colocou os cabelos atrás das orelhas — uma grossa aliança cravejada de diamantes reluzindo como a Via Láctea — e pareceu dez anos mais jovem. Eu conseguia imaginá-la quando criança, talvez uma devoradora de livros, bonita, mas tímida. Pais exigentes. Apenas notas dez, sempre.

— Então, o que você lê em mim? — perguntou ela.

— Há algo acontecendo na sua casa.

— Eu já lhe disse isso.

Eu podia sentir o desespero emanando dela: para acreditar em mim.

— Não, você me disse que sua vida estava desmoronando. Eu estou dizendo que tem alguma relação com sua casa. Você tem um marido, sinto muita discórdia; eu a vejo cercada por um verde doentio, como uma gema de ovo estragada. Espirais de um turquesa vibrante e saudável na parte mais externa. Isso me diz que você teve algo bom que se tornou muito ruim. Certo?

Obviamente era uma dedução fácil, mas gostei do meu arranjo de cores; parecia certo.

Ela me olhou com raiva. Eu estava acertando algo muito pessoal.

— Posso sentir em você as mesmas vibrações de minha mãe: aqueles estalidos agudos e altos de piano. Você está desesperada, sente uma dor intensa. Não tem conseguido dormir.

A menção à insônia era sempre arriscada, mas costumava valer a pena. Pessoas sofrendo não costumam dormir bem, e pessoas insones são intensamente gratas a quem reconhece seu desgaste.

— Não, não, eu durmo oito horas — rebateu Susan.

— Não é um bom sono. Você tem sonhos perturbadores. Talvez não pesadelos, talvez você nem sequer se lembre deles, mas acorda se sentindo cansada, dolorida.

Está vendo, você pode salvar a maioria dos palpites ruins. Aquela mulher estava na casa dos quarenta, e pessoas na casa dos quarenta normalmente acordam se sentindo doloridas. Sei disso por causa dos comerciais.

— Você transfere a ansiedade para o pescoço — continuei. — Além disso,

cheira a peônias. Uma criança. Você tem um filho?

Se ela não tivesse um filho eu simplesmente diria: "Mas você *quer* um." E ela poderia negar — *eu nunca, jamais, sequer pensei em ter filhos* — e eu poderia insistir, e em pouco tempo ela iria embora pensando nessa ideia, pois muito poucas mulheres decidem não procriar sem alguma dúvida. É um pensamento fácil de plantar. Exceto por essa ser uma mulher inteligente.

— Sim. Bem, dois. Um filho e um enteado.

Enteado, concentre-se no enteado.

— Há algo errado em sua casa. É com seu enteado?

Ela se levantou, em seguida revirou a bolsa muito bem estruturada.

— Quanto lhe devo?

Errei alguma coisa. Achei que nunca mais a veria. Mas quatro dias depois Susan Burke estava de volta. ("*Coisas* podem ter aura?", perguntou ela. "Tipo objetos. Ou uma casa?") E então três dias depois ("Você acredita em espíritos do mal? Acha que esse tipo de coisa existe?"). E no dia seguinte.

No geral, eu estava certa sobre ela. Pais autoritários, exigentes, apenas notas dez, alguma universidade da Ivy League, um diploma que tinha a ver com administração. Eu lhe fiz a pergunta: "O que você faz?" Ela explicou muito sobre *downsizing*, reestruturação e superposição de clientes, e quando franzi a testa ela perdeu a paciência e disse:

— Eu descubro e elimino problemas.

As coisas com o marido estavam bem, a não ser no que dizia respeito ao enteado. Os Burke tinham se mudado para a cidade um ano antes, e foi quando o garoto passou de perturbado a perturbador.

— Miles nunca foi um menino gentil — contou. — Sou a única mãe que ele conheceu; estou com o pai dele desde que Miles tinha quatro anos. Mas ele sempre foi frio. Introvertido. Simplesmente é vazio. Eu me odeio por dizer isso. Quer dizer, tudo bem com introvertido. Mas no último ano, desde a mudança… Ele se transformou. Ficou mais agressivo. É tão raivoso... Soturno. Ameaçador. Ele me dá medo.

O garoto tinha quinze anos e acabara de ser retirado à força de um bairro residencial, realocado na cidade, onde não conhecia ninguém, e já era um garoto desajeitado, nerd. Claro que estava com raiva. Teria ajudado se eu dissesse isso, mas não disse. Enxerguei ali uma oportunidade.

Eu estava tentando entrar para o ramo de limpeza de aura doméstica. Basicamente, quando alguém se muda para uma nova casa, chama você. Você circula pelos cômodos queimando sálvia, salpicando sal e murmurando muito. Começar do zero, eliminar qualquer energia ruim remanescente dos donos anteriores. Com as pessoas se mudando de volta para o coração da cidade, para todas as velhas casas históricas, esse parecia ser um negócio prestes a experimentar uma grande expansão. Uma casa de cem anos: isso é muita

vibração acumulada.

— Susan, você pensou na possibilidade de que a casa esteja afetando o comportamento do seu enteado?

Ela se inclinou para a frente, os olhos arregalados.

— Sim! Sim, pensei. Não é maluquice? Por isso… por isso voltei. Porque... havia sangue na minha parede.

— *Sangue?*

Susan voltou a se inclinar e pude sentir o cheiro de hortelã disfarçando seu hálito azedo.

— Semana passada. Eu não queria dizer nada... Achei que você ia pensar que eu era louca. Mas estava lá. Um longo fio escorrendo lentamente do teto para o piso. Eu estou... eu estou louca?

Eu me encontrei com ela na casa na semana seguinte. Subindo a rua em meu fiel hatch, pensei: *ferrugem*. Não sangue. Algo nas paredes, no teto. Quem sabia do que casas antigas eram feitas? Quem sabia o que poderia vazar dali após cem anos? A questão era como proceder com isso. Eu não estava interessada em me meter com exorcismo, essa merda de demonologia de igreja. Também não achava que fosse o que Susan queria. Mas ela havia me pedido para ir até a casa, e mulheres como aquela não convidam mulheres como eu a não ser que queiram algo. Consolo. Eu ia examinar o "fio de sangue", encontrar uma explicação para aquilo, e ainda convencê-la de que a casa ficaria bem com uma limpeza.

Várias limpezas. Ainda tínhamos que conversar sobre dinheiro. Doze visitas por dois mil dólares parecia uma boa pedida. Espalhe-as, uma por mês, ao longo de um ano, e dê ao enteado tempo para resolver seus problemas, se adaptar à nova escola, aos novos colegas. Então ele ficará curado, eu serei a heroína e logo Susan estará me indicando a todas as suas amigas ricas e nervosas. Eu poderia abrir meu próprio negócio, e quando as pessoas me perguntassem "O que você faz?", eu diria *Sou empresária* naquele tom arrogante que os empresários têm. Talvez Susan e eu nos tornássemos amigas. Talvez ela me convidasse para um clube do livro. Eu me sentaria junto à lareira, beliscaria um queijo brie e diria: *Sou proprietária de um pequeno negócio, empresária, caso prefira*. Estacionei, saltei do carro e respirei fundo aquele ar otimista da primavera.

Mas então vi a casa de Susan. Realmente parei e encarei. Depois estremeci.

Era diferente das outras.

Espreitava. Era a única casa vitoriana remanescente em uma longa sequência de novas construções quadradas, e talvez por isso parecesse viva, calculista. A frente da mansão era toda elaboradamente revestida de pedra, com detalhes que formavam desenhos vertiginosos: flores e filigranas, hastes delicadas e fitas esvoaçantes. Dois anjos em tamanho natural emolduravam a porta, os braços estendidos para cima, os rostos fascinados por algo que eu não conseguia ver.

Observei a casa, que me observou de volta através das janelas longas e malévolas, tão altas que era possível uma criança ficar de pé no parapeito. E uma estava. Eu podia ver todo o comprimento de seu corpo magro: calças cinza, suéter preto, gravata marrom com um nó perfeito no pescoço. Um tufo de cabelos escuros cobrindo os olhos. Então, um vulto repentino e o garoto tinha descido e desaparecido atrás das pesadas cortinas de brocado.

Os degraus da frente da mansão eram altos e largos. Meu coração estava acelerado quando cheguei ao fim, passei pelos anjos atemorizados, estiquei a mão na direção da porta e toquei a campainha. Enquanto esperava li a inscrição gravada na pedra perto dos meus pés.

SOLAR CARTERHOOK
FUNDADO EM 1893
PATRICK CARTERHOOK

A inscrição era feita em uma austera letra cursiva vitoriana, os pomposos "O" cortados por um arabesco emplumado. Aquilo me fez querer abraçar meu próprio corpo.

Susan abriu a porta, seus olhos estavam vermelhos.

— Bem-vinda ao Solar Carterhook — disse, simulando grandiosidade.

Ela flagrou meus olhares; Susan nunca me parecia bem quando eu a via, mas nem sequer fingiu ter penteado os cabelos, e um odor repugnante e azedo emanava dela. (Não "desespero" ou "depressão", apenas mau hálito e cheiro de suor.) Ela encolheu levemente os ombros.

— Eu não consigo mais dormir.

O interior da casa não lembrava em nada a fachada. A parte de dentro havia sido totalmente modificada, e agora parecia a casa de qualquer outro rico. Isso imediatamente me deixou mais animada. Eu podia limpar *aquele* lugar: as luzes embutidas de bom gosto, os balcões de granito e eletrodomésticos de aço inoxidável, o revestimento de madeira novo e perturbadoramente liso, parede após parede, parecendo carvalho com aplicação de botox.

— Vamos começar pelo fio de sangue — sugeri.

Subimos para o segundo andar. Havia mais dois depois daquele. A escadaria era aberta, e eu olhei para cima, através da balaustrada, e vi um rosto me observando no último andar. Cabelos e olhos pretos em contraste com uma pele de porcelana de boneca antiga. Miles. Ele me encarou por um momento solene, depois desapareceu outra vez. Aquele garoto combinava perfeitamente com a casa original.

Susan colocou no chão uma gravura de bom gosto que estava na parede, para que eu pudesse vê-la inteira.

— Aqui. Estava bem aqui — disse, apontando do teto até o chão.

Eu fingi examinar atentamente, mas não havia nada para ver. Ela tinha esfregado até ficar totalmente limpo; eu ainda podia sentir o cheiro de produto de limpeza.

— Eu posso ajudá-la — falei. — Há uma enorme sensação de dor bem aqui. Por toda a casa, mas certamente aqui. Eu posso ajudá-la.

— A casa range a noite toda — contou ela. — Quer dizer, quase geme. Não deveria. Tudo aqui dentro é novo. A porta de Miles bate em horas estranhas. E ele… ele está piorando. É como se algo tivesse se instalado. Uma escuridão que Miles carrega nas costas. Como a carapaça de um inseto. Ele se desloca rapidamente, a passos curtos. Como um besouro. Eu me mudaria, de tão assustada que estou, eu me mudaria, mas não temos dinheiro. Não mais. Gastamos muito na compra da casa, depois quase a mesma quantia para reformá-la, e... de qualquer modo, meu marido não deixaria. Ele diz que Miles está apenas passando pelas dores do crescimento. E que eu sou uma mulher nervosa e boba.

— Eu posso ajudá-la — repeti.

— Deixe-me mostrar tudo a você — respondeu ela.

Seguimos pelo corredor comprido e estreito. A casa era naturalmente escura. Você se afastava de uma janela e a penumbra se instalava. Susan acendia as luzes conforme avançávamos.

— Miles as desliga — contou. — Então eu as acendo novamente. Quando peço para deixá-las acesas, ele finge que não faz ideia do que estou falando. Aqui é nosso escritório.

Ela abriu uma porta para revelar uma sala cavernosa com lareira e estantes de parede a parede.

— É uma *biblioteca*. — Perdi o fôlego.

Eles facilmente deviam ter cerca de mil livros. Obras grossas, impressionantes, de pessoas inteligentes. Como você mantém mil livros em um cômodo e chama o lugar simplesmente de escritório?

Eu entrei. Estremeci teatralmente.

— Você está sentindo isso? Sente o… peso aqui?

— Eu odeio este lugar — respondeu ela, assentindo.

— Vou precisar dar atenção especial a esta sala — falei.

Eu me instalaria ali por uma hora a cada visita e simplesmente leria, leria o que quisesse.

Voltamos ao corredor, que estava escuro outra vez. Susan suspirou e começou a acender as luzes. Eu podia ouvir o som de passos vindos de cima, correndo loucamente no corredor de um lado para outro. Passamos por uma porta fechada à minha direita. Susan bateu.

— *Jack, sou eu.*

O barulho de uma cadeira sendo empurrada para trás, o ruído de uma tranca e então a porta foi aberta por outro menino, vários anos mais jovem que Miles. Ele parecia com a mãe. Sorriu para Susan como se não a visse havia um ano.

— Oi, mamãe — disse o garotinho, passando os braços ao redor dela. — Senti sua falta.

— Este é Jack, tem sete anos — contou Susan, mexendo nos cabelos dele. — Mamãe tem que fazer um trabalhinho com a amiga dela — disse, se ajoelhando para ficar no nível dos olhos do menino. — Termine de ler e depois eu preparo um lanche.

— Eu tranco a porta? — perguntou Jack.

— Sim, sempre tranque sua porta, querido.

Voltamos a caminhar enquanto ouvíamos o clique da tranca atrás de nós.

— Por que trancar a porta?

— Miles não gosta do irmão.

Ela deve ter sentido que eu franzi a testa. Nenhum adolescente gosta do irmão mais novo.

— Você deveria ver o que Miles fez com a babá de quem ele disse que não gostava. É uma das razões pelas quais não temos dinheiro. Despesas médicas. — Ela se virou para mim de modo brusco. — Eu não deveria ter dito isso. Não foi... nada de mais. Possivelmente um acidente. Na verdade, eu não sei mais. Talvez esteja apenas maluca, droga.

Seu riso foi rouco. Ela enxugou um dos olhos.

Caminhamos até o fim do corredor, onde havia outra porta trancada.

— Eu lhe mostraria o quarto de Miles, mas não tenho a chave — falou simplesmente. — Além disso, estou com muito medo.

Ela forçou outro riso. Não me convenceu; não tinha sequer energia suficiente para parecer um riso. Subimos para o andar seguinte, que abrigava uma série de cômodos, pintados e com papel de parede, com móveis vitorianos requintados dispostos aleatoriamente. Um deles tinha apenas uma caixa de areia.

— Para o nosso gato, Wilkie — contou Susan. — O gato mais sortudo do mundo, tem um quarto para seu próprio cocô.

— Você encontrará um uso para o espaço.

— Na verdade, é um gato amável — contou ela. — Tem quase vinte anos.

Sorri, como se aquilo fosse interessante e positivo.

— Nós obviamente temos mais espaço do que precisamos — prosseguiu Susan. — Acho que pensamos que poderíamos ter outro... Talvez adotar, mas eu não traria outra criança para esta casa. Então, em vez disso, nós moramos em um depósito muito caro. Meu marido gosta de antiguidades.

Eu podia imaginá-lo, aquele marido tenso e esnobe. Um homem que comprava antiguidades, mas não as procurava pessoalmente. Provavelmente tinha uma decoradora muito chique, que usava óculos com armação de tartaruga, fazendo o trabalho de verdade. Provavelmente ela também comprara os livros para ele. Ouvi dizer que você podia fazer isso — comprar livros a metro, transformá-los em mobília. As pessoas são idiotas. Nunca vou conseguir aceitar quão idiotas as pessoas são.

Subimos mais. O último andar era apenas um grande sótão com alguns velhos tubos de calefação ao longo das paredes.

— Os tubos não são sem sentido? — sussurrou ela. — Ele diz que dá autenticidade ao lugar. Não gostou da reforma.

Então a casa havia sido um acordo: o marido queria que fosse antiga, Susan a queria nova. Assim, eles acharam que essa diferenciação entre o interior e o exterior poderia resolver as coisas. Mas os Burke acabaram mais ressentidos do que satisfeitos. Milhões de dólares depois, nenhum deles estava feliz. Rico tem dinheiro para jogar fora.

Descemos pela escada dos fundos, apertada e atordoante, como a toca de um animal, e terminamos na ampla e reluzente cozinha moderna.

Miles estava sentado à ilha central, esperando. Susan se sobressaltou quando o viu.

Ele era pequeno para a idade. Rosto pálido e queixo afilado, os olhos negros que refletiam a luz, como os de uma aranha. Avaliando. *Extremamente inteligente, mas odeia a escola*, pensei. *Nunca recebe atenção suficiente — mesmo se tivesse toda a atenção de Susan ainda não seria suficiente. Maldoso. Egoísta.*

— Oi, mamãe — disse ele. Seu rosto se transformou, um reluzente sorriso bobo surgindo. — Senti sua falta.

O doce e amoroso Jack. Miles estava interpretando uma versão perfeita do irmãozinho. Ele se levantou para abraçar Susan e, enquanto caminhava, assumiu a postura infantil de Jack, com os ombros caídos. Passou os braços ao redor dela, se aninhou. Susan me observou, olhando por cima da cabeça do enteado, as faces corando, os lábios apertados como se farejasse algo repulsivo. Miles ergueu os olhos para ela.

— Por que não me abraça?

Susan deu um breve abraço no enteado. Miles a soltou como se tivesse sido escaldado.

— Ouvi o que você disse para ela — falou. — Sobre Jack. Sobre a babá. Sobre

tudo. Você é uma escrota.

Susan se encolheu. Miles se virou para mim.

— Eu espero que você vá embora e não volte mais. Para seu próprio bem — disse ele, sorrindo para nós duas. — É um assunto de família. Não acha, mamãe?

Depois subiu a escadaria dos fundos batendo os pesados sapatos de couro, inclinando-se bastante para a frente. Ele realmente se movia como se tivesse uma carapaça de inseto, reluzente e dura.

Susan olhou para o chão, respirou fundo e ergueu os olhos.

— Eu quero sua ajuda.

— O que seu marido tem a dizer a respeito de tudo isso?

— Não conversamos sobre esse assunto. Miles é filho dele. Ele é protetor. Sempre que digo algo minimamente crítico ele fala que estou louca. Meu marido sempre diz que estou louca. Uma casa assombrada. Talvez eu esteja. Seja como for, ele viaja o tempo todo; nem sequer saberá que você está aqui.

— Eu posso ajudá-la — insisti. — Podemos falar rapidamente sobre o preço?

Ela concordou com o valor, mas não com o meu cronograma.

— Não posso esperar um ano para que Miles melhore; ele pode matar todos nós antes disso.

Ela soltou um riso desesperado, quase um arroto. Concordei em ir duas vezes por semana.

Eu geralmente ia durante o dia, quando as crianças estavam na escola e Susan trabalhando. Fazia a limpeza da casa, lavava-a. Acendia minha sálvia e salpicava meu sal marinho. Fervia minha lavanda com alecrim e esfregava a casa toda, paredes e pisos. Depois sentava na biblioteca e lia. Também verificava ao redor. Encontrei zilhões de fotos de um Jack com sorriso radiante, algumas antigas de Miles fazendo bico, outras de uma Susan sombria e nenhuma do marido. Senti pena dela. Um enteado raivoso e um marido que estava sempre longe... Não espantava que sua mente vagasse para lugares sombrios.

Ainda assim. Ainda assim, eu também sentia: a casa. Não necessariamente malévola, mas... atenta. Podia senti-la me estudando, isso faz sentido? O lugar me sufocava. Certo dia eu estava esfregando o piso e de repente senti uma dor pungente no dedo médio — como se tivesse sido mordida —, e quando olhei, estava sangrando. Enrolei o dedo, apertando-o com um dos panos de limpeza, e vi o sangue penetrar no tecido. Senti como se algo na casa tivesse ficado satisfeito.

Comecei a ter medo. Eu me obriguei a combatê-lo. *Foi você quem inventou isso tudo*, disse a mim mesma. *Então pare com isso*.

Seis semanas depois do início da limpeza, certa manhã, eu estava fervendo minha lavanda na cozinha — Susan no trabalho, as crianças na escola — quando senti uma presença atrás de mim. Eu me virei e vi Miles com o uniforme da escola, me analisando, um sorrisinho no rosto. Estava segurando meu exemplar

de *A outra volta do parafuso*.

— Você gosta de histórias de fantasmas? — perguntou ele, sorrindo.

Ele havia mexido na minha bolsa.

— Por que está em casa, Miles?

— Tenho estudado você. Você é interessante. Você sabe que algo ruim vai acontecer, certo? Estou curioso.

Ele chegou mais perto, eu me afastei. Parou ao lado da panela de água fervente. Suas bochechas ficaram vermelhas com o calor.

— Estou tentando ajudar, Miles.

— Mas você concorda? Consegue sentir? O mal?

— Consigo.

Ele observou o interior da panela. Passou um dedo pela borda, depois afastou depressa o dedo, rosado. Ele me avaliou com seus reluzentes olhos negros de aranha.

— Você não parece com o que eu achei que pareceria. De perto. Pensei que você seria... *sensual* — falou com ironia.

E eu sabia o que ele queria dizer. Sensual como uma vidente no Dia das Bruxas. Brilho labial, cabelão e brincos de argolas.

— Você parece uma babá.

Eu me afastei mais. Ele tinha machucado a última babá.

— Está tentando me assustar, Miles?

Desejei poder chegar ao fogão, desligar o fogo.

— Estou tentando ajudar você — disse ele de modo sensato. — Não quero você perto dela. Se voltar, vai morrer. Não quero dizer mais que isso. Mas está avisada.

Ele se virou e saiu da cozinha. Quando o ouvi pisar nos degraus da frente, despejei a água fervente no ralo, depois corri até a sala de jantar para pegar minha bolsa e minhas chaves. Eu precisava ir embora. Quando segurei a bolsa, uma quentura fétida e doce atingiu minhas narinas. Miles havia vomitado dentro dela — nas minhas chaves, na minha carteira, no meu celular. Eu não conseguia pegar as chaves, tocar naquela nojeira.

Susan passou correndo pela porta, estava visivelmente agitada.

— Ele está aqui? Você está bem? — perguntou. — Ligaram da escola, disseram que Miles não apareceu. Deve ter saído pela porta da frente e voltado pelos fundos. Ele não gosta de você aqui. Ele lhe disse alguma coisa?

Um barulho alto veio de cima. Um lamento. Subimos apressadas as escadas. No corredor, pendurada em um gancho no teto, havia uma pequena figura rudimentar feita de pano. Um rosto desenhado com canetinha. Uma forca feita de barbante vermelho. Gritos vieram do quarto de Miles no final do corredor. *Nããããããoooo, desgraçada, sua desgraçada!*

Ficamos paradas diante da porta.

— Você não prefere conversar com ele? — perguntei.

— Não — respondeu ela.

Susan voltou pelo corredor em lágrimas. Arrancou o boneco da luminária de teto.

— De início achei que era eu — disse Susan, me entregando a figura de pano. — Mas não tenho cabelos castanhos.

— Acho que sou eu — falei.

— Estou cansada de sentir medo — murmurou ela.

— Eu sei.

— Não sabe. Mas vai saber.

Susan foi para o quarto. Eu fui trabalhar. Juro que trabalhei. Lavei a casa — cada centímetro de parede e chão — com alecrim e lavanda. Esfreguei a sálvia e disse minhas palavras mágicas que eram apenas bobagens, enquanto Miles gritava e Susan chorava nos quartos acima de mim. Depois virei na pia da cozinha tudo o que estava dentro de minha bolsa suja de vômito e deixei a água correr até que ficasse limpo.

Quando estava destrancando meu carro no fim do dia, uma mulher mais velha, empoada e com as maçãs do rosto rechonchudas, me chamou de um ponto mais abaixo no quarteirão. Ela se aproximou apressada em meio à névoa, um sorrisinho no rosto.

— Eu só queria lhe agradecer pelo que está fazendo por essa família — disse. — Por ajudar o pequeno Miles. Obrigada.

Em seguida levou os dedos aos lábios e fez um gesto como se fosse fechá-los, depois se afastou rapidamente antes que eu pudesse lhe dizer que não estava fazendo absolutamente nada para ajudar aquela família.

Uma semana depois, enquanto matava o tempo em meu pequeno apartamento (um quarto, quatorze livros), notei algo novo. Uma mancha, como uma poça enferrujada na parede junto à cama. Ela me lembrou minha mãe. Minha antiga vida. Tantas transações — isto por aquilo, aquilo por isto — e nada tinha feito qualquer diferença até aquele momento. Assim que a transação era finalizada minha mente ficava vazia, esperando a seguinte. Mas Susan Burke e sua família permaneceram comigo. Susan Burke, sua família e aquela casa.

Abri meu velho laptop e fiz uma busca: Patrick Carterhook. Um chiado, um rangido e finalmente apareceu um link para um artigo do Departamento de Inglês de uma universidade: “Verdadeiro crime vitoriano: a história medonha da família Patrick Carterhook”.

> O ano é 1893, e o magnata de lojas de departamento Patrick Carterhook se muda para sua esplêndida mansão da Era Dourada, no coração da cidade, com sua adorável esposa, Margaret, e os dois filhos, Robert e Chester. Robert era um garoto problemático, dado a perseguir colegas de escola e machucar

os animais de estimação dos vizinhos. Aos doze anos, incendiou um dos depósitos do pai e permaneceu no local para acompanhar a destruição. Atormentava sem parar o pacato irmão mais novo. Aos quatorze anos, Robert havia provado que era incapaz de se controlar. Os Carterhook optaram por mantê-lo afastado da sociedade: em 1895 eles o trancaram dentro da mansão. Nunca mais colocaria os pés do lado de fora. Robert paulatinamente se tornou mais violento em sua soturna prisão dourada. Sujava os bens da família com seus próprios excremento e vômito. Uma ama foi parar no hospital com ferimentos sem explicação; nunca mais voltou. A cozinheira também fugiu numa manhã de inverno. Os boatos diziam que sofrera queimaduras de terceiro grau com água fervente em um "acidente na cozinha".

Ninguém sabe exatamente o que aconteceu naquela casa na noite de 7 de janeiro de 1897, mas os resultados sangrentos são inquestionáveis. Patrick Carterhook foi descoberto morto em sua cama. O corpo tinha 117 facadas. A esposa de Patrick, Margaret, foi encontrada morta por um golpe de machado — ainda em suas costas — quando tentava fugir subindo as escadas do sótão, e o jovem Chester, de dez anos, foi encontrado afogado em uma banheira. Robert se enforcou em uma viga do quarto. Aparentemente ele havia se vestido para a ocasião: usava seu melhor terno, um azul, coberto pelo sangue dos pais. Ainda estava molhado do afogamento do irmãozinho.

Abaixo da história havia uma antiga foto desfocada dos Carterhook. Quatro rostos sérios e formais em meio a camadas de babados vitorianos. Um homem esbelto na casa dos quarenta com uma barba habilmente afilada; uma mulher loura e pequena, com olhos tristes, penetrantes e tão claros que pareciam brancos. Dois meninos, o mais jovem louro como a mãe, o mais velho de cabelos escuros e olhos pretos com um pequeno sorriso malicioso e a cabeça inclinada em um ângulo deliberado. Miles. O garoto mais velho se parecia com Miles. Não era idêntico, mas a essência era exata: a pretensão, a superioridade, a ameaça.

Miles.

Se você remove as tábuas do assoalho ensanguentadas e os ladrilhos manchados de água; se você destrói as vigas que sustentaram o corpo de Robert Carterhook e derruba as paredes que absorveram os gritos, você derruba a casa? Ela pode estar assombrada se as verdadeiras entranhas — seus órgãos internos — foram retiradas? Ou aquilo que é sórdido permanece no ar? Naquela noite sonhei com uma pequena figura abrindo a porta do quarto de Susan, se esgueirando pelo chão enquanto ela dormia e se colocando calmamente acima dela com um reluzente cutelo, emprestado da cozinha de um milhão de dólares. O quarto cheirava a sálvia e lavanda.

Dormi até a parte da tarde e acordei na escuridão, em meio a uma tempestade. Fiquei olhando para o teto até o sol se pôr, depois me vesti e dirigi até o Solar Carterhook. Deixei minhas ervas inúteis para trás.

Susan abriu a porta com os olhos úmidos, o rosto pálido obscurecido pela penumbra da casa.

— Você *é* paranormal — sussurrou ela. — Eu ia ligar para você. Está ficando pior, não está parando.

Ela desabou em um sofá.

— Miles e Jack estão aqui? — perguntei.

Ela assentiu e apontou para cima com o dedo.

— Ontem à noite Miles me contou, com muita calma, que ia nos matar — disse ela. — E realmente fiquei preocupada... porque… Wilkie… — Susan começou a chorar outra vez. — Ah, Deus.

Um gato entrou lentamente na sala. Esquelético e cansado, um macho velho. Susan apontou para o felino.

— Olhe o que ele fez... com o pobre Wilkie!

Eu olhei novamente. No traseiro do gato havia apenas um tufo ralo de pelos. Miles havia cortado o rabo do animal.

— Susan, você tem um computador? Preciso lhe mostrar uma coisa.

Ela me levou à biblioteca, e à escrivaninha vitoriana que claramente era do marido. Apertou um botão e a lareira se acendeu com um som sibilante. Tocou uma tecla e o laptop brilhou. Mostrei a Susan o site e a história dos Carterhook. Eu podia sentir seu hálito quente em meu pescoço enquanto ela lia.

Apontei para a foto.

— Robert Carterhook lembra alguém?

Susan anuiu como se em transe.

— O que isso significa?

A chuva tamborilava nos vidros negros das janelas. Eu ansiava por um radiante dia azul. O peso da casa era insuportável.

— Susan, eu gosto de você. Eu não gosto de muitas pessoas. Quero o melhor para a sua família. E não acho que seja eu.

— O que isso quer dizer?

— Quer dizer que você precisa de alguém que a *ajude*. Eu não posso ajudar. Há algo errado com esta casa. Acho que você deveria sair daqui. Não ligo para o que seu marido diz.

— Mas se nós formos embora... Miles ainda estará conosco.

— Sim.

— Então… Ele ficará curado? Se ele sair desta casa?

— Não sei, Susan.

— O que está querendo dizer?

— Estou dizendo que você precisa de mais do que eu para resolver isso. Não

sou qualificada. Não posso consertar isso. Acho que você precisa ir embora hoje à noite. Vá para um hotel. Dois quartos conjugados. Tranque a porta de comunicação entre eles. E depois… Descobriremos. Mas tudo o que realmente posso fazer por você é ser sua amiga.

Susan permaneceu de pé, tonta, com a mão no pescoço. Ela se afastou de mim, murmurou um pedido de desculpas e desapareceu pela porta. Eu esperei. Meu pulso latejava novamente. Olhei ao redor da sala cheia de livros. Nada de festas ali para mim. Nenhuma recomendação a amigas ricas e nervosas. Eu estava arruinando minha grande chance; dei a Susan uma resposta que ela não queria. Mas pela primeira vez me senti decente. Não dizendo a mim mesma que era decente, mas decente de verdade.

Vi Susan passar depressa pela porta, descendo as escadas. Depois Miles passou rápido, imediatamente atrás dela.

— Susan! — gritei.

Eu me levantei, mas não consegui me forçar a sair da sala. Ouvi murmúrios. Urgentes e raivosos. Depois nada. Silêncio. E ainda nada. *Vá lá*. Mas eu estava com muito medo para ir sozinha até aquele corredor escuro.

"Susan!"

Um garoto que aterrorizava o irmãozinho e ameaçava a madrasta. Que me disse calmamente que eu iria morrer. Um garoto que cortara o rabo do animal de estimação da família. Uma casa que atacava e manipulava os próprios moradores. Uma casa que já vira quatro mortes e queria mais. *Fique calma*. O corredor ainda estava escuro. Nenhum sinal de Susan. Eu me levantei. Comecei a caminhar na direção da porta.

Miles apareceu de repente na soleira, rijo e empertigado, em seu uniforme escolar, como sempre. Bloqueava minha saída.

— Eu lhe disse para nunca mais voltar aqui, e você voltou; você continuou voltando — disse ele. Sério. Como se falasse com uma criança que estava sendo punida. — Você sabe que vai morrer, certo?

— Onde está sua madrasta, Miles? — perguntei, recuando com cautela.

Ele andou na minha direção. Era um garoto pequeno, mas me assustava.

— O que você fez com Susan?

— Você ainda não está entendendo, não é? — perguntou. — É hoje à noite que vamos morrer.

— Lamento, Miles, eu não queria aborrecer você.

Ele então riu, os olhos fechados enrugando a pele.

Alegria total.

— Não, você não me entendeu direito. Ela vai *matar você*. *Susan* vai matar você e a mim. Olhe ao redor da sala. Você acha que está aqui por acaso? Olhe com atenção. Olhe os livros com atenção.

Eu tinha olhado os livros com atenção. Toda vez que fazia a limpeza do

cômodo eu olhava todos os livros e os cobiçava. Eu me imaginava roubando um ou dois para o meu pequeno clube do livro com...

Com Mike. Meu cliente preferido. Todos os livros que eu tinha lido com Mike nos anos anteriores estavam ali. *A mulher de branco. A outra volta do parafuso. A assombração da casa na colina*. Eu tinha me parabenizado ao vê-los — como eu era inteligente por ter lido tantas daquelas obras da biblioteca de pessoas chiques. Mas eu não era uma devoradora de livros com muita bagagem de leitura; era apenas uma puta idiota na biblioteca certa. Miles tirou uma foto da gaveta da escrivaninha, uma foto de casamento. Um pôr do sol de verão às costas da noiva e do noivo deixava-os à sombra. Susan estava deslumbrante, uma versão lasciva e vivaz da mulher que eu conhecia. O noivo? Eu mal reconheci o rosto, mas definitivamente conhecia o pau. Eu batia punheta para o marido de Susan havia dois anos.

Miles me observava, estreitando os olhos, um comediante esperando que a plateia entendesse a piada.

— Ela vai matar você, e tenho certeza de que também vai me matar — falou ele.

— O que quer dizer com isso?

— Ela está lá embaixo agora ligando para a polícia. Susan me disse para enrolar você. Quando subir, vai atirar em você, e depois dirá aos policiais uma das duas opções. Opção um: você é uma charlatã que alega ter poderes psíquicos para se aproveitar de pessoas emocionalmente vulneráveis. Você disse a Susan que poderia ajudá-la com seu filho mentalmente instável, ela confiou em você. Mas, em vez disso, você estava apenas entrando na casa e a roubando. Quando ela a confrontou você se tornou violenta, atirou em mim e ela atirou de volta para se defender.

— Não gostei dessa. Qual é a outra opção?

— Você na verdade é honesta. Realmente acreditava que a casa estava me assombrando. Mas no final das contas eu não estava sendo assombrado, era apenas um adolescente sociopata comum. Você me pressionou demais, eu matei você. Ela e eu lutamos pela arma, e ela atirou em mim para se defender.

— Por que ela ia querer matar você?

— Ela não gosta de mim, nunca gostou. Não sou filho dela. Ela tentou me empurrar para minha mãe, mas minha mãe não tem o menor interesse em ficar comigo. Depois tentou me mandar para um colégio interno, mas meu pai não deixou. Ela com certeza preferia que eu estivesse morto. É simples assim. É como ela ganha a vida: descobre e elimina problemas. Ela é pragmática de um jeito cruel.

— Mas ela parece tão…

— Sem graça? Não, ela não é. Queria que você pensasse assim. Ela é bonita, uma executiva de sucesso. É muito poderosa. Mas você precisava sentir que

estava se aproveitando de alguém mais fraco. Que tinha vantagem. Quer dizer, estou errado? Não é exatamente esse o seu negócio? Manipular os manipuláveis?

Minha mãe e eu brincamos desse jogo por uma década: vestir o figurino e interpretar o papel de alguém que desperta pena. Eu não percebi que estava acontecendo comigo.

— Ela quer me matar... por causa do seu pai?

— Susan Burke tinha o casamento perfeito, e você o arruinou. Meu pai foi embora. Saiu de casa.

— Tenho certeza de que alguns... encontros extraconjugais não são o motivo pelo qual seu pai saiu de casa.

— É o motivo no qual ela escolheu acreditar. É o problema que ela descobriu e que planeja eliminar.

— Seu pai sabe... que estou aqui?

— Ainda não; ele realmente viaja o tempo todo. Mas e quando meu pai souber que estamos mortos, quando ouvir a história de Susan? Assim que ela contar sobre ter sentido tanto medo, ter se deparado com o cartão da paranormal no exemplar dele de *Rebecca* e, por estar desesperada, ter pedido que a mulher a ajudasse... Imagine a culpa. Seu filho está morto porque você queria uma punheta. Sua esposa foi obrigada a defender a família e *matar* porque você recebeu uma punheta. Tanto horror e culpa... Ele nunca será capaz de reparar o que fez a ela. E esse é o objetivo.

— Foi como ela me encontrou? Meu cartão de visitas?

— Susan encontrou o cartão. Achou esquisito. Suspeito. Meu pai adora histórias de fantasmas, mas é o maior cético do mundo; nunca procuraria uma vidente para ler sua mão. A não ser... que não fosse uma vidente. Ela o seguiu. Marcou uma consulta. E então você veio da sala dos fundos com o exemplar dele de *A mulher de branco,* e ela soube.

— Ela confia em você.

— Primeiro vi isso como um elogio — disse ele. — Depois percebi que ela estava tentando me distrair. Contou sobre o plano de matar você para que eu não notasse que também ia morrer.

— Por que então não atirar em mim em um beco, numa noite qualquer?

— Desse jeito meu pai não sofreria. E se ela fosse vista? Não. Ela quis matar você aqui, onde ficasse parecendo que ela era a vítima. Na verdade, é a forma mais fácil de fazer. Então ela inventou a história da casa assombrada para atrair você para cá. Solar Carterhook, tão *assustador*.

— Mas e os Carterhook? Eu li sobre eles na internet.

— Os Carterhook são ficção. Quer dizer, eles existiram, acho, mas não morreram do modo como você pensa.

— Eu li sobre eles!

— Você leu sobre eles porque ela escreveu sobre eles. É a internet. Você sabe

como é fácil fazer um site? E depois criar alguns links que levem até ele, fazer com que algumas pessoas o encontrem e o adicionem às próprias páginas? É incrivelmente fácil. Especialmente para alguém como Susan.

— Aquela foto, ela parecia...

— Já foi a um mercado de pulgas? Caixas e mais caixas de sapatos com fotos velhas, um dólar cada. Não é difícil encontrar um garoto que se pareça comigo. Sobretudo se você tem uma pessoa disposta a acreditar. Uma otária. Como você.

— E a parede sangrando?

— Ela apenas inventou. Cria o clima. Ela sabia que você gostava de histórias de fantasmas. Queria que viesse, e acreditasse. Ela gosta de sacanear as pessoas. Queria que você ficasse amiga dela, se preocupasse com ela e então... *Bam!* Tivesse aquele momento de choque ao se dar conta de que iria morrer, ao perceber que sentira medo da coisa errada. Que seus *sentidos* a traíram.

Ele riu de modo debochado para mim.

— Quem cortou o rabo do gato?

— É um manx, idiota, essa raça não tem rabo. Será que eu posso responder às outras perguntas na estrada? Preferiria não ficar aqui para morrer.

— Você quer ir embora comigo?

— Vejamos: ir com você ou ficar aqui e morrer. É, eu prefiro ir com você. Ela provavelmente já desligou o telefone. Provavelmente está no pé da escada. Já deixei a saída de incêndio preparada no meu quarto.

Os saltos altos de Susan tiniram na sala de estar, ela estava indo na direção da escada. Movendo-se rapidamente. Chamando meu nome.

— Por favor, me leve com você — pediu ele. — Por favor. Só até meu pai voltar para casa. Por favor, estou com medo.

— E quanto ao Jack?

— Ela gosta do Jack. Só quer que a gente vá embora.

Os passos de Susan ressoaram mais rápidos, mais perto.

Usamos a saída de incêndio. Foi bastante dramático.

Estávamos em meu carro, indo embora, antes que eu me desse conta de que não sabia para que porra de lugar estava indo. O rosto pálido de Miles refletia os faróis passando como se fosse uma lua enojante. Gotas de chuva escorriam de sua testa pelas faces e pingavam do queixo.

— Ligue para o seu pai — falei.

— Meu pai está na África.

A chuva tamborilava no pequeno teto do carro. Susan Burke (aquela tremenda vigarista!) me deixara com tanto medo da casa que me confundira. Mas agora eu conseguia pensar: uma mulher de sucesso se casa com um homem rico. Eles têm um bebê que é um verdadeiro encanto. A vida é boa, a não ser por uma coisa: o enteado esquisito. Acreditei nela quando disse que Miles sempre fora frio. Estou certa de que ela sempre foi fria com Miles. Estou certa de que tentou

se livrar dele desde o início. Alguém tão calculista quanto Susan Burke não iria querer criar o filho excêntrico e desajeitado de outra mulher. Susan e Mike estranhamente seguem em frente, mas logo a crueldade dela em relação ao primogênito dele prejudica a relação. Ele se afasta. O toque de Susan lhe dá arrepios. Ele começa a utilizar meus serviços. E continua. Nós temos o suficiente em comum, os livros, para que ele possa se enganar de que se trata de algum tipo de relacionamento. As coisas com Susan continuam a desmoronar. Ele sai de casa. Deixa Miles para trás porque precisa viajar para o exterior — e assim que voltar ajeitará tudo. (Isso era puro palpite, mas o Mike que eu conhecia, que ria ao gozar, parecia ser um cara que voltaria para buscar o filho.) Infelizmente Susan descobre o segredo dele e me culpa pela destruição do seu casamento. Imagine a fúria, ter uma mulher inferior como eu *tocando* seu marido. E então ela estava presa com um garoto esquisito a quem odiava e uma casa de que não gostava. Como solucionar o problema? Começa a planejar. Consegue me atrair. Miles me alerta de forma sutil, brincando comigo, gostando um pouco da brincadeira. Susan diz algo vago aos vizinhos — que estou ali para ajudar o pobre e pequeno Miles —, para que quando a verdade surgir — que eu sou uma ex-puta e atual vigarista — ela pareça arrasada, digna de pena, patética. E eu pareça uma destruidora de lares. É a forma perfeita de cometer assassinato.

Miles olhou para mim com sua enorme cara de lua e sorriu.

— Você sabe que agora é basicamente uma sequestradora — disse ele.

— Acho que temos de procurar a polícia.

— Precisamos ir para Chattanooga, no Tennessee — falou ele com alguma impaciência, como se eu estivesse recuando de algo planejado havia muito tempo. — A Bloodwillow será lá este ano. É sempre no exterior; esta é a primeira vez nos Estados Unidos desde 1978.

— Não faço a menor ideia do que você está falando.

— É só a maior convenção de assuntos sobrenaturais do mundo. Susan disse que eu não poderia ir. Mas você pode me levar. Achei que ficaria feliz, já adora histórias de fantasmas. Pode pegar a rodovia se entrar à esquerda no terceiro sinal à frente.

— Não vou levar você para Chattanooga.

— É melhor me levar. Eu estou no comando agora.

— Você está delirando, menino.

— E você é uma ladra e sequestradora.

— Não sou nenhuma das duas coisas.

— Susan não ligou para a polícia porque estava prestes a matar você. — Ele riu. — Ligou porque eu disse que a peguei roubando. Ela deu falta de joias, sabe? — disse Miles, dando um tapinha no bolso do paletó.

Eu ouvi algo tilintar.

— A esta altura ela voltou para o andar de cima e descobriu que seu enteado

problemático foi sequestrado por uma puta-vidente-ladra. Então temos que ficar na encolha por alguns dias. O que não é um problema, já que a Bloodwillow só começa na quinta-feira.

— Susan queria me matar porque descobriu sobre mim e seu pai.

— Você pode dizer *punheta*, sabe? Isso não me ofende.

— Susan descobriu.

— Susan não descobriu nada. Ela é uma idiota inacreditavelmente inteligente. Eu descobri. Pego os livros do meu pai emprestados o tempo todo. *Eu* encontrei seu cartão de visitas, *eu* encontrei suas anotações nas margens. *Eu* fui até seu local de trabalho e descobri tudo. Parte do que Susan disse é verdade. Ela realmente me acha esquisito. Quando nos mudamos para cá, depois de eu ter dito a ela que não queria, de ter sido muito claro ao dizer que não queria, comecei a fazer coisas na casa. Só para sacaneá-la. *Eu* criei aquele site. Eu. *Eu* inventei a história dos Carterhook. *Eu* mandei Susan até você, só para ver se ela finalmente descobria, cacete, e ia embora. Ela não descobriu, ela caiu na sua babaquice.

— Então Susan estava dizendo a verdade sobre todas as coisas assustadoras na casa. Você realmente ameaçou matar seu irmão?

— É algo que diz mais sobre ela, o fato de ter acreditado em mim, do que sobre mim por ter falado.

— Você realmente jogou sua babá da escada, Miles?

— Ah, por favor. Ela caiu. Eu não sou violento. Sou apenas inteligente.

— E aquele dia, o do vômito na minha bolsa, o ataque que você teve no andar de cima e a boneca pendurada na luminária?

— O vômito fui eu, porque você não estava me escutando. Não ia embora. A boneca também. Assim como a ponta de gilete na tábua corrida que cortou seu dedo. Na verdade, é uma ideia inspirada em uma antiga tática de guerra romana. Você já leu...

— Não. E a gritaria? Você parecia muito furioso.

— Ah, aquilo foi real. Susan tinha cortado meu cartão de crédito ao meio e deixado na minha escrivaninha. Estava tentando me prender lá dentro. Mas então me dei conta de que você era minha saída daquela casa idiota. Eu preciso de um adulto que faça as coisas, na verdade: dirigir um carro, conseguir um quarto de hotel. Sou pequeno demais para minha idade. Tenho quinze anos, mas pareço ter doze. Preciso de alguém como você para andar por aí de verdade. Tudo o que tive de fazer foi convencê-la a me tirar da casa e pronto. Porque você sabe que não vai procurar a polícia. Imagino que alguém como você tenha ficha criminal.

Miles estava certo. Pessoas como eu nunca procuravam a polícia, porque isso nunca dava certo.

— Vire à esquerda aqui e pegue a rodovia — ordenou ele.

Eu obedeci.

Assimilei a história dele, virei-a pelo avesso e inspecionei. *Espere aí, espere aí.*

— Espere aí. Susan disse que você cortou o rabo do gato. Você disse que era um manx...

Ele sorriu.

— Ah! Bem lembrado. Então alguém está mentindo. Acho que você vai ter que decidir em qual história acreditar. Quer acreditar que Susan é maluca ou que eu sou maluco? O que vai deixar você mais tranquila? Primeiro, achei que seria melhor se você achasse que Susan era a maluca; que você seria compreensiva com meu sofrimento e que poderíamos ser amigos. Companheiros de viagem. Mas depois pensei: talvez fosse melhor se você achasse que o malvado era eu. Talvez assim tivesse mais chances de você entender que eu estou no comando aqui... O que acha?

Seguimos em silêncio enquanto eu estudava minhas opções.

Miles me interrompeu:

— Quer dizer, na verdade acho que é uma situação em que todos ganham. Se Susan é a maluca e nos quer longe, nós já fomos embora.

— O que ela vai contar ao seu pai quando ele chegar em casa?

— Isso vai depender da história em que você quiser acreditar.

— Seu pai pelo menos está na África?

— Eu não acho que meu pai seja um fator que você tenha que realmente levar em conta na sua decisão, sabe.

— Certo, e se você é o maluco, Miles? Sua madrasta vai mandar a polícia atrás de nós.

— Pare naquele estacionamento, na igreja.

Eu olhei para ele de cima a baixo, procurando alguma arma. Não queria ser um corpo desovado no estacionamento de uma igreja abandonada.

— Só obedeça, está bem? — disse Miles com rispidez.

Parei no estacionamento da igreja fechada, junto à entrada da rodovia. Miles saltou embaixo de chuva, e subiu correndo os degraus e parou sob o beiral. Pegou o celular no paletó e deu um telefonema de costas para mim. Passou um minuto ao telefone. Depois esmagou o celular no chão, pisou nele algumas vezes e correu de volta para o carro. Cheirava perturbadoramente a primavera.

— Certo, acabei de ligar para a minha madrastazinha nervosa. Contei que você me assustou, que estou de saco cheio da casa e de todas as esquisitices dela, da mania de aparecer com gente tão desagradável, e que então eu fugi e resolvi ficar na casa do meu pai. Ele acabou de voltar da África, então vou ficar lá. Ela nunca liga para o meu pai.

E ele esmagou o celular para que eu não pudesse ver se realmente tinha ligado para Susan ou se estava só fazendo um teatro de novo.

— E o que vai dizer ao seu pai?

— Vamos lembrar apenas que quando você tem pais que se odeiam, estão sempre trabalhando ou viajando e prefeririam que você ficasse fora da vida

deles, você pode dizer muitas coisas. Há muita margem de manobra. Então não precisa se preocupar, de verdade. Pegue a rodovia e daqui a três horas vai surgir um hotel de beira de estrada. Com TV a cabo e restaurante.

Peguei a rodovia. O garoto era mais esperto aos quinze anos do que eu com o dobro daquela idade. Estava começando a achar que toda aquela coisa de ser decente, pensar nos outros e ser benevolente era *pura bobajada*. Estava começando a achar que aquele garoto poderia ser um bom parceiro. Aquele adolescente miúdo precisava de um adulto para conhecer o mundo, e não havia nada mais útil para uma mulher vigarista do que uma boa criança vigarista. “O que você faz?”, as pessoas perguntariam. E eu diria: “Eu sou mãe.” Imagine do que eu poderia me livrar, os golpes que poderia dar se as pessoas achassem que eu era de fato uma amável *mamãezinha*.

Além disso, aquela convenção Bloodwillow parecia realmente legal.

Paramos no hotel de beira de estrada três horas depois, exatamente como Miles havia previsto. Pegamos quartos conjugados.

— Durma bem — disse Miles. — Não fuja durante a noite, ou vou chamar a polícia e voltar à história do sequestro. Prometo que é a última vez que ameaço você, não quero ser um babaca. Mas nós *temos* que chegar a Chattanooga! Vamos nos divertir para caramba, eu garanto. Não consigo acreditar que estou indo para a convenção! Quero ir desde que tinha sete anos!

Ele fez uma dancinha estranha de animação e foi para o quarto.

O garoto era meio agradável. Também um possível sociopata, mas bem agradável. Tive um pressentimento bom sobre ele. Estava indo com um garoto inteligente a um lugar onde todos queriam falar sobre livros. Finalmente ia sair da cidade pela primeira vez na vida, e tinha toda uma nova faceta “mamãe” a trabalhar. Decidi não me preocupar: eu poderia jamais saber a verdade sobre os acontecimentos no Solar Carterhook (é ou não é uma boa fala?). Em todo caso, ou eu estava ferrada ou não estava ferrada, portanto escolhi acreditar que não estava. Eu tinha convencido muita gente de muitas coisas ao longo da vida, mas esse seria meu maior feito: convencer a mim mesma de que o que estava fazendo era razoável. Não decente, mas razoável.

Deitei na cama e fiquei olhando para a porta que ligava os quartos. Conferi a tranca. Apaguei a luz. Olhei para o teto. Olhei para a porta.

Empurrei a cômoda até a porta.

Absolutamente nada com que me preocupar.

AGRADECIMENTOS

Obrigada a George R. R. Martin, que me pediu para escrever um conto para ele.

SOBRE A AUTORA

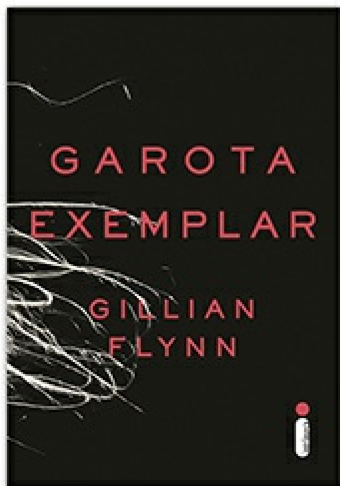


© Heidi Jo Brody

GILLIAN FLYNN é jornalista e, antes de se dedicar integralmente à carreira de escritora, trabalhou por dez anos como crítica de cinema e TV para a *Entertainment Weekly*. Nascida nos Estados Unidos, formou-se pela Universidade do Kansas, escreveu durante dois anos para uma revista de negócios na Califórnia e cursou o mestrado na Northwestern University, em Chicago.

Gillian Flynn também é autora dos premiados *Objetos cortantes*, *Lugares escuros* e *Garota exemplar*, que soma mais de 10 milhões de exemplares vendidos em todo o mundo e deu origem ao filme de mesmo nome dirigido por David Fincher e estrelado por Ben Affleck e Rosamund Pike. Seus livros foram publicados em vinte e oito países. Atualmente Gillian mora em Chicago com o marido e o filho.

CONHEÇA OS OUTROS TÍTULOS DA AUTORA



Garota exemplar

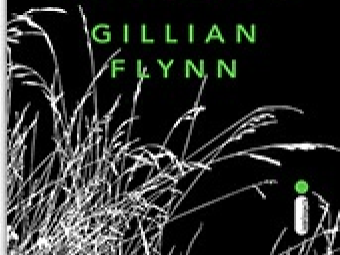
DA AUTORA DE GAROTA EXEMPLAR

OBJETOS CORTANTES

GILLIAN FLYNN

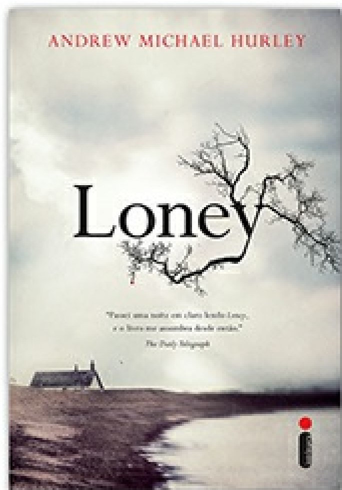


Objetos cortantes



Lugares escuros

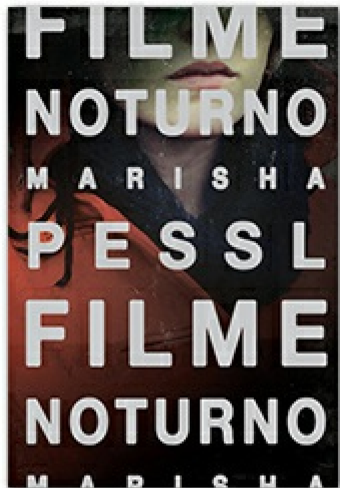
LEIA TAMBÉM



Loney
Andrew Michael Hurley



Caixa de pássaros
Josh Malerman



Filme noturno
Marisha Pessl



Caixa preta
Jennifer Egan

Table of Contents

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória
O adulto
Agradecimentos
Sobre a autora
Conheça os outros títulos da autora
Leia também